

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Relato de Experiência
GRUPO DE PESQUISA: Produção Laboratorial - Eletrônicos

Entrevistas de/no estúdio: muito além do exercício

Luciane Ribeiro do Valle¹

lucianedovalle@ig.com.br

Palavras-chave: entrevista; radiojornalismo.

O processo de atividades na disciplina de radiojornalismo, em especial na atualidade, compreende uma série de propostas que devem ser feitas e aplicadas visando um maior contato do aluno, futuro profissional, com essa abrangente área de atuação - o rádio.

Dentro disso pode-se considerar como atividades pertinentes desde as aulas de redação de laudas, culminando com propostas mais elaboradas, tais como, produção e realização de radiojornais, boletins informativos, cobertura de eventos, programas temáticos, documentários, série de reportagens e as entrevistas de estúdio – objeto do presente relato.

As equipes-rádio

Desde 2002, ano de ingresso no Centro Universitário de Araraquara (UNIARA) como docente realiza-se uma atividade para facilitar os processos no estúdio intitulada “equipes-rádio. Equipes-rádio são grupos formados pelos alunos nos quais eles, além de elaborar o nome da rádio, frequência e slogan, decidem também a linha editorial e dentro desse grupo realizam todas as produções que são solicitadas. A disciplina radiojornalismo é anual o que possibilita a realização de vários formatos, nos quais há a produção, gravação (simulado ao vivo) e audição avaliativa ao final de cada aula. Tal audição

¹ Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Atua como professora universitária nos cursos de Comunicação do Centro Universitário de Araraquara (UNIARA) e na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

avaliativa é extremamente importante, pois o objetivo não é simplesmente o domínio das técnicas e sim aliar técnica e conceitos, saber compreender e ler o universo radiofônico em todas as suas matizes em paralelo à sociedade e o jornalismo.

As Entrevistas

E entre todas as atividades há uma que requer uma dedicação diferenciada e que, portanto, resulta num momento peculiar de autoconhecimento e diga-se, avanço no “aprendizado”. Essa atividade é a entrevista, na qual os alunos devem produzir e levar ao estúdio um convidado – que pode ser de qualquer área – para ser entrevistado pelas “equipes-rádio”. Tem-se essa perspectiva de avanço por parte dos alunos porque é um momento no qual eles levam para dentro do estúdio uma figura externa à rotina adotada durante as atividades, pois desde então o trabalho se configura com a captação de sonoras, idas a campo, mas o personagem ainda não estava presente.

É o que Vigil (2003) considera como um formato imprescindível:

“Sem entrevistas, perderíamos a espontaneidade da conversa, a força do testemunho vivo, cortaríamos as próprias raízes do conhecimento, que se alimentam de perguntas.” (VIGIL, 2003, p. 268)

Logo, é a partir desse conhecimento e reconhecimento da importância da realização de entrevistas no rádio que essa postura provoca alterações no comportamento assim como uma necessidade, bastante positiva, de realizar uma produção muito mais elaborada, afinal de contas o contato, na maioria das vezes, será com um especialista. Segundo Ferrareto:

(...) Para obter as informações ou opiniões do indivíduo com quem dialoga, o jornalista tem que superar barreiras como: os preconceitos e as opiniões próprias a respeito do objeto; a utilidade da informação para ele mesmo; as suas necessidades como ser humano no momento do

contato com o entrevistado; os seus interesses pessoais; o argumento da autoridade da fonte; o senso comum; a experiência individual não testada; a bagagem cultural do indivíduo. (FERRARETO, 2000, p. 270-271)

É justamente a partir dessas constatações que os próprios alunos chegam ao elaborar e posteriormente executarem e avaliarem o trabalho/entrevista que essas “barreiras a superar” como relata Ferrareto são tão significativas quanto norteadoras para as futuras produções.

As dificuldades relatadas ao final de cada gravação² se referem tanto a aspectos emocionais, tais como: “*fiquei nervoso*”, “*você percebeu que eu gaguejei?*”, quanto a questões da própria produção: “*nossa, não sabia o que perguntar*”, “*ele respondeu o que eu ia perguntar depois*”, “*minha pergunta estava muito longa e ele se confundiu*”.

Os comentários citados vão ao encontro do que Vigil (2003) destaca como preocupações necessárias diante do trabalho de entrevista:

“Qual e a especialidade de um entrevistador, de uma entrevistadora? A mesma das crianças: fazer perguntas. Perguntas para saber e, sobretudo, para fazer os ouvintes saber. Perguntas que devem obedecer ao seguinte decálogo jornalístico: Faça perguntas claras, (...) Faça perguntas curtas; (...) Faça perguntas concretas (...); Faça uma pergunta de cada vez (...); Faça perguntas abertas; (...) Combine perguntas de esclarecimento, de análise e de ação; (...) Evite perguntas indiscretas; (...) Evite perguntas capciosas ou manipuladoras; (...) Faça como o advogado do diabo; (...) Varie a

² Todas as produções, inclusive as entrevistas, partem de uma proposta de fazê-las como se fossem ao vivo. Portanto, os grupos trabalham com uma perspectiva de rádio all news, na qual aquela produção entra durante a programação “normal” da rádio.

formulação das perguntas (...) (VIGIL, 2003, p. 270-273)

Todas as indicações apresentadas acima são oportunidades extremamente valiosas para o melhor aprendizado e preparação dos futuros profissionais, pois acredita-se que são nessas ocasiões – estúdio/laboratório - que pode-se realizar tais experiências. O ambiente acadêmico, o trabalho em grupo, o diálogo com a teoria, a prática são fundamentais para o êxito das atividades.

Cunha sintetiza esse pensamento/proposta:

Escolher o caminho das linguagens, no caso da oralidade, para o ensino de radiojornalismo, não quer dizer priorizá-las em relação ao conhecimento. Significa retomar dentro dos currículos o espaço da linguagem. Conteúdo e critérios jornalísticos, conhecimento, técnica e linguagens podem conviver em perfeita harmonia. Deve-se buscar uma complexidade maior nestas construções, não excluindo, mas trabalhando em complementaridade. Um jornalista com conhecimento, técnica e que tenha construído seu aprendizado com base nas linguagens das mídias tem permanência e atualidade. Todavia, o que são adestrados pelas mídias, dificilmente conseguem acompanhar as mudanças. (CUNHA, 2008, p.07)

Buscando contribuir para esse “não-adestramento” é que as aulas de radiojornalismo são elaboradas. Com especial atenção ao momento das entrevistas em estúdio no qual as orientações “didáticas” são superadas pelo repertório cultural e profissional que o aluno adquiriu ao longo das atividades realizadas.

Perguntas e respostas. Pareceria fácil entrevistar. E, no entanto, não é. Estamos diante de um dos formatos que mais requer experiência para ser

dominado. Com sábia malícia o jornalista chileno Jorge Timossi respondia a seus estudantes quando lhe perguntavam como fazer boas entrevistas: “Ter feito antes muitas entrevistas ruins”.

Conclusão: pratica muito e avaliar o praticado, o que se costuma chamar de *experiência*. (VIGIL, 2003, p. 268)

Os resultados das “experiências” são muito interessantes, principalmente porque as observações, as percepções vêm dos alunos, das equipes – perde-se (muito bom) a perspectiva do ensino de mão única para atingirmos um nível contínuo de grupos de trabalho e discussão.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Maga Rodrigues da. *A Valorização da Oralidade e das Linguagens no Ensino de Radiojornalismo*. Trabalho apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal/RN, 2008.

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio - o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

VIGIL, Jose Ignacio Lopez. *Manual urgente para radialistas apaixonados*. São Paulo: Paulinas, 2004.